

Dulce Helena Rizzardo Briza

brizadhr@uol.com.br

Psicóloga clínica, analista didata, presidente do Instituto Junguiano de São Paulo de 2012 a 2016, membro fundadora do Instituto Junguiano do Paraná e do Instituto de Psicologia Analítica de Campinas, membro da International Association for Analytical Psychology – IAAP. Autora de *A Mutilação da Alma Brasileira: um estudo arquetípico* (Vetor Editora) e coautora de *Puer e Senex: dinâmicas relacionais* (Editora Vozes). Autora de artigos para revistas especializadas, para Cadernos Junguianos e professora convidada para os cursos de especialização e pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, pós-graduação da UNIP e especialização da UNICAMP. Professora convidada pelos institutos da AJB para seminários e supervisões. Foi diretora de ensino da Associação Junguiana do Brasil e do Instituto de Psicologia Analítica de Campinas e diretora de cursos e eventos do Instituto Junguiano do Paraná. Atualmente é presidente do Conselho Editorial da revista *Self*, do Instituto Junguiano de São Paulo – IJUSP, coordenadora do Conselho de Ética do IJUSP e coordenadora do Núcleo Alma Brasileira do IJUSP.

Denise Diniz Maia

maia Denise@terra.com.br

Psicóloga clínica, analista Junguiana pelo IJUSP/AJB com especialização em terapia psicomotora e cinesiologia psicológica. Especializada em arte integrativa e coordenadora dos núcleos de assistência social - NAS e psicologia infantil do IJUSP. Membro das comissões de ética e editorial da revista *SELF* – ambas do IJUSP.

Atende em consultório particular, em especial crianças, adolescentes e orientação de pais.

Entre Amigas

Denise Diniz Maia

Dulce Helena Rizzardo Briza

XXIV Congresso Internacional da Associação Junguiana do Brasil
(AJB)

Agosto de 2017

*Não reparamos que éramos um só,
que cada um de nós era uma ilusão do outro, e cada
um, dentro de si,
o mero eco de seu próprio ser.*

Fernando Pessoa, Livro do Desassossego

O processo de individuação implica em que o indivíduo desenvolva em sua psique a tendência de caminhar para o equilíbrio e para a totalidade. Consideramos que a alma humana é constituída pelo processo da união de opostos, num trabalho no qual o indivíduo consiga fazer nascer a si mesmo, que seja dono de uma personalidade singular em profundidade, rica, autônoma, isto é, que torne-se um consigo mesmo. Para isto é necessário que o consciente e o inconsciente, assim como o eu e o Self, estejam num relacionamento contínuo. O confronto com a sombra tanto individual como coletiva é difícil, porém

necessário, “pois o mal é o oposto necessário do bem, sem ele não existiria o bem. Nem mesmo podemos prescindir do primeiro.” (Vol IX 1 §567)

A amizade entre duas pessoas, portanto, possibilita um rico encontro dialético e o confronto com a sombra. Através do espelhamento, podemos ir tanto ao céu como ao inferno, mas também contamos com a grande oportunidade de desenvolver nossas potencialidades. Esse relacionamento deve, portanto, propiciar a distinção das fronteiras entre eu e o outro e auxiliar as amigas no processo de individuação. Não nos esqueçamos que o inconsciente coletivo é uma fonte, que através dos símbolos será capaz de transformar a energia psíquica e por meio desta a psique se transformará, tornando-se apta para integrar seus conteúdos inconscientes, ampliando a consciência e fortalecendo o ego. Quando a consciência é capaz de entender o sentido das imagens, pode haver então uma transformação não só desta, mas também do inconsciente. Para Young Eisendrath, o objetivo da individuação é o poder de utilizar a função transcendente, a tensão e a interação de opostos na vida cotidiana. É um processo contínuo que exige que cada pessoa desenvolva a capacidade de refletir sobre seus próprios estados subjetivos sob diferentes perspectivas. A função transcendente significa que temos um relacionamento dialético com os vários aspectos de nós mesmos e, por conseguinte, passamos a presenciar e aceitar uma gama de estados subjetivos, sem julgamento ou cobranças pessoais, o que pode acontecer também em relação à outra pessoa.

Tudo isso converge para a ideia de que não há processo de individuação quando o indivíduo se recolhe a uma torre de marfim, pois o contato com o mundo e com os outros é que o auxilia nesse processo. Se este tem como meta tornarmo-nos o

que somos, a amizade também nos leva a sermos o que somos e aceitar o outro do jeito que ele é. Dessa forma teremos a chance de ampliar nossa cosmovisão e nosso autoconhecimento. E é também lidando com as fronteiras da amizade e respeitando as diferenças que poderemos crescer rumo à individuação.

A amizade desempenha um papel fundamental em qualquer tipo de comportamento e autoconhecimento, abrindo espaço para uma cuidadosa identificação de propósitos e de permuta de valores, facultando o crescimento dos interesses e das realizações. Pode, portanto, ser o vaso alquímico que colhe e incentiva o processo de individuação.

É possível, nessa interação, o contato com a sombra, com os limites, com o egocentrismo e com as diversas emoções. Também é possível lidar com os afetos e as dificuldades, fazendo com que o indivíduo cresça e se encontre no encontro com o outro, isso tudo aquecido com o calor humano, delicadeza, elegância e maturidade. Surge daí o desenvolvimento da força criadora, que evolui através dos relacionamentos e da prática de trabalhar com as fronteiras que separam uma identidade da outra.

No convívio entre amigas é preciso que as fronteiras nítidas da individualidade e do sigilo sejam respeitadas, pois essas fronteiras são as responsáveis pela construção da relação.

É preciso cultivar o amor, que é base de qualquer relacionamento.

Vinicius de Moraes, poeta que dava enorme importância ao amigo, pontuou:

A maior solidão é a do ser que não ama. A maior solidão é a do ser que se ausenta, que se defende, que se fecha, que se recusa a participar da vida humana. A maior solidão é a do homem encerrado em si mesmo,

no absoluto de si mesmo, e que não dá a quem pede o que ele pode dar de amor, de amizade, de socorro. O maior solitário é o que tem medo de amar, o que tem medo de ferir e ferir-se, o ser casto da mulher, do amigo, do povo, do mundo.

Amizade, o amor *Philia*, é coisa muito séria. Ao amor entre as pessoas pertencem a profundidade e a fidelidade de sentimento, o respeito, a transparência e a confiança.

O arquétipo da *Fratria*, matriz da *Philia*, nos remete à amizade e às experiências afetivas, onde as amigas muitas vezes se chamam de irmãs.

A irmã de alma pode influenciar, complementar a individualidade, fato que implica na experiência da assimilação e a apreciação da diversidade, resignificando.

O contato com uma amiga é importante para o desenvolvimento das mulheres, pois é fonte de apoio emocional, de aceitação e segurança, fator importante no processo de individuação.

A verdadeira amiga nos coloca em confronto com nós mesmos. Aquilo que por nós é desconhecido é o que devemos nos familiarizar e integrar.

Num primeiro momento, esta familiaridade pode ser vista como o prolongamento da primeira relação mãe/filha, onde se apresenta a confiança e a solidariedade entre as mulheres. Segue o contato da mulher consigo mesma, e início da relação e acesso a novas vias que a conduzem à sua própria identidade e ao relacionamento com outras mulheres, através do lado emocional. Isso propiciará maior autonomia para que ela se assuma do jeito é. O perigo que surge da identificação recíproca

é o da simbiose, que dificultará o processo de individuação e de uma relação verdadeira, pois aí encontraremos apenas as projeções.

Vale notar que o vínculo que a mulher teve com sua mãe no início da vida influenciará as relações que teremos durante o existir. É preciso que o indivíduo supere o lado negativo de seu desenvolvimento e da dinâmica matriarcal, de caráter inferior, infantil, arcaico e caótico. Quando o relacionamento primal com a mãe é positivo e seguro, acompanha-se a fase de rompimento com a grande mãe e a iniciação no mundo patriarcal. Segundo Neumann, a “traição da mãe” para se adentrar no mundo do pai, poderá ser vista como uma “traição de sua essência”, e o movimento para o mundo do pai a “rendição de sua própria natureza”. Isso trará problemas para a vida da pessoa e no seu relacionamento com os outros. Daí surgem as dificuldades que podem ocorrer para o vínculo de uma amizade.

Neumann afirma: “O medo do desconhecido e de tudo o que é estranho ao ego vem a ser medo dos aspectos desconhecidos de “si mesmo” e de “seu Self desconhecido”, e a cada estágio arquetípico o indivíduo precisa superar o medo que cada fase apresenta. Muitas vezes as amigas se dão suporte para essa superação.

Algum pedaço do “não-Eu” é reconhecido e percebido como pertencente à pessoa e essa transformação é alimentada pela força do Self. O bom relacionamento com uma amiga, incluindo as diferenças, é, sem dúvida, uma fonte facilitadora de energia e do desenvolvimento da individualidade, enfim, participe do processo de individuação.

É importante que haja uma delimitação de fronteiras no relacionamento entre duas pessoas para que não se caia no erro do sentimento de dependência, o que atrapalhará o sentimento

de autonomia. O arquétipo do duplo cria um sentimento de compartilhamento entre as pessoas e por um entendimento dinâmico e intuitivo, proporciona uma vivência comum de propósitos e metas. Pode ser também um agente mobilizador dentro delas.

Entretanto, quando os aspectos rejeitados desse duplo são projetados em alguém, a sombra é constelada e o lado negativo do outro bloqueará os impulsos construtivos.

As imagens arquetípicas da amizade podem despertar as nossas possibilidades latentes e nos tirar a sensação de isolamento, criando um novo elo entre eu e o outro.

Numa relação existem semelhanças e diferenças, constelando tensão entre os paradoxos: intimidade e distância.

Quando nos damos conta da amiga-irmã podemos achar espaço para nossas diferenças, o que é desafiador, espaço esse tanto para decepções como surpresas.

Jung fala a respeito da alma do outro em nós como um amigo interno da alma: “trata-se da representação da relação com o amigo interno da alma, no qual a própria natureza gostaria de nos transmutar: naquele outro, que também somos, e que nunca chegamos a alcançar plenamente... Sempre preferiríamos ser “eu” e mais nada. Mas confrontamo-nos com o amigo ou inimigo interior, e de nós depende ser um ou outro”.

Marguerite Yourcenar comenta que toda amizade verdadeira é um bem duradouro e, mesmo numa longa ausência a presença é constante.

Creio que a amizade com o amor que dela participa exige quase tanta arte como um passo de dança bem sucedido: elã, comedimentos,

trocas de palavras e silêncio... E sobretudo respeito...

Quero ser o teu amigo. Nem demais e nem de menos.

Nem tão longe e nem tão perto.

Na medida mais precisa que eu puder.

Mas amar-te sem medida e ficar na tua vida,

Da maneira mais discreta que eu souber.

Sem tirar-te a liberdade, sem jamais te sufocar.

Sem forçar tua vontade.

Sem falar, quando for hora de calar.

E sem calar, quando for hora de falar.

Nem ausente, nem presente por demais.

Simplesmente, calmamente, ser-te paz.

É bonito ser amigo, mas confesso é tão difícil aprender!

E por isso eu te suplico paciência.

Vou encher este teu rosto de lembranças,

Dá-me tempo, de acertar nossas distâncias ...

Trecho adaptado da música "Saudação de Amigo",

A amizade saudável não é cerceadora, mas preservadora, respeitadora das fronteiras, onde exige um “eu-eu”, que convive com o “eu-outros”. Ela preserva a identidade, separando o externo do interno. Garante proteção, autonomia, integridade. E nesse exercício é importante que os limites de cada ser sejam respeitados. E é no ponto exato em que os limites chegam no final que as fronteiras são estabelecidas. Quando a amizade do amor-amigo as atravessam, aparece a sombra em forma de ciúmes, competição e sabotagem, traição, ameaças, fofocas e intrigas, deslealdade, inveja.

E as atuações são as mais diversas.

Notamos que na mitologia grega, por exemplo, algumas deusas e mulheres competem entre si havendo ciúmes, rivalidade e inveja.

Fazendo referência ainda a esta mitologia, Jean Bolen caracteriza as mulheres regidas por Ártemis como sendo do tipo “grande irmã”. As mulheres estão sempre disponíveis para ajudar as outras. Elas são o arquétipo inspirador das “irmandades”, associam-se às amigas estabelecendo relacionamentos, sendo consideradas “mentoras” com as amigas mais jovens. Nesse comportamento observamos a expressão da solidariedade.

As mulheres do tipo Atenas carecem de amigas íntimas e as relações com outras mulheres são competitivas. Atenas tinha uma amiga muito próxima, Palas. Num jogo competitivo matou sua amiga de adolescência por acidente. A falta de empatia de Atenas impede o desenvolvimento de relações de amizade com outras mulheres, o que pode ser considerado uma expressão do excesso de competitividade.

A mulher Hera não atribui grande importância às amigas, afasta-se de outras mulheres e privilegia a relação com os homens.

A mulher Demeter tem uma estreita amizade com outras mulheres, muitas vezes exercendo um papel materno e cuidador.

A mulher Afrodite, em seu aspecto positivo, valoriza a espontaneidade e atratividade em relação a outras mulheres. No aspecto negativo, inconscientemente estimula nas outras ciúmes e sentimento de inadequação.

Da mitologia africana, podemos citar outros exemplos. Iansã era um búfalo e foi flagrada por Ogum, o ferreiro, quando estava entrando num rio e tirando a pele. Este apaixonou-se por ela, seduzindo-a e escondendo a pele de búfalo. Ela resolveu segui-lo com a condição de que ele jamais revelasse o seu segredo. Mas as mulheres do reino em que viviam, enciumadas, embriagaram Ogum, que revelou o segredo de Iansã. Ela foi ridicularizada pelas mulheres. Então transformou-se em búfalo, matou-as e voltou para a floresta.

Obá, guerreira, era apaixonada por Xangô, administrador do reino, que não lhe dava nem amor, nem atenção. Infeliz, perguntou a Oxum como poderia ser amada por Xangô, como ele amava a amiga. Esta a aconselhou a fazer uma comida especial que elas preparariam juntas. Quando se encontraram para fazer tal especiaria, Oxum estava usando um turbante que escondia suas orelhas e iniciou a fazer a comida colocando dois cogumelos dentro. No outro dia foi Obá que ofereceu o alimento para Xangô, arrancando uma de suas orelhas, colocando-a dentro do prato.

Esperava dessa maneira conquistar seu amor. Mas seu intento teve efeito contrário: quando Xangô viu a orelha, ficou furioso e expulsou Obá. Esta foi ter com Oxum, que riu e

debochou dela após ter desenrolado o turbante, mostrando as orelhas intactas. Obá, furiosa, começou uma briga feroz com a “amiga”. Xangô, irritado, soltou fogo pela boca e as transformou em dois rios.

Muitas vezes as amigas podem ser cruéis quando se trata de competição, ciúmes, inveja e insegurança. Essa crueldade pode deixar marcas emocionais profundas, que demoram muito para cicatrizar. A irmandade passa a ser questionada e a intimidade, fonte de traição.

Através de uma amizade podemos encontrar a própria sombra. Se estivermos atentos, poderemos nos conscientizar das projeções negativas e competitivas que fazemos.

Mary Del Priore, que estudou o universo feminino, comentou: “elas competem por tudo, a diferença é que algumas jogam limpo e outras não”.

Por outro lado, uma pesquisa realizada nos Estados Unidos sobre amizade entre mulheres, aponta a evidência de que as mulheres desde pequenas necessitam de amizades intensas e têm uma tendência a formar círculos íntimos. Desde cedo as meninas convivem com amigas de mãos dadas, fazendo tudo juntas. A intimidade e a empatia estão presentes e as mulheres são mais livres do que os homens com pessoas do mesmo sexo: expressão de afeto, confidências e confiança.

As amizades entre mulheres são mais profundas e duradouras.

Quando a amizade é valorosa, encontramos a intimidade, lealdade, a fidelidade, a cumplicidade, o altruísmo, a confidencialidade, a afeição, o comprometimento, a parceria, a franqueza, a solidariedade, a aceitação e o prazer. A amizade sincera também pode dar lugar a puxões de orelha.

*O amigo não passa a mão
Quando fizemos algo errado
Está firme ao nosso lado
Puxa a orelha, chama a razão!*

Cora Coralina

Vinicius de Moraes dizia que o amigo a gente reconhece. O sentimento da amizade está baseado na afinidade, confiança, acolhimento, respeito, solicitude, enfim, no amor fraterno.

Pitágoras já afirmava que os amigos têm tudo em comum, e a amizade é a igualdade.

Menandro, comediógrafo grego (342-291 AC) disse: “para o corpo doente é necessário o médico. Para a alma, o amigo. A palavra afetuosa sabe curar a dor”.

O amor é que pode levar as amigas a atingir o que há nelas de melhor e mais elevado.

É preciso, entretanto, estarmos atentas à função do animus, que pode ser tanto fonte de felicidade, como de sofrimento nas amizades.

Lembrando o que certa vez escreveu M. Esther Harding, “O amor é revelação recíproca das diferenças, e estas não devem ser reprimidas, pois elas se unem e se completam: há uma igualdade nas diferenças de natureza e de espírito”.

Escolhemos um romance de Elena Ferrante, autora italiana, composto de 4 livros, infância/adolescência, juventude, maturidade e velhice, para contar o percurso de duas vidas, onde a amizade feminina é vista como parte importante no processo de individuação entre mulheres, ao longo de toda uma vida.

A história passada em Nápoles, nos anos 1950, conta a relação de duas meninas, Lila e Lenu, que desde pequenas, se olhavam com o olhar perspicaz e cruel de crianças que se enfrentam num confronto de habilidades e fragilidades.

O afeto e o conflito sempre estiveram presentes, bem como as inseguranças da infância e dúvidas da adolescência. O duelo entre admiração e repulsa, inveja e afeto, intimidade distância, foi sendo construído.

As imagens de outrora de afeto e cumplicidade faziam com que a falta da amiga trouxesse um desconforto. Tinham medo de que se uma perdesse partes da vida da outra, a própria vida se perderia.

E assim foram se tornando indispensáveis uma à outra.

No relacionamento estavam presentes as brincadeiras perigosas, a maldade e a destrutibilidade, enfim amigas que ao crescer, duelavam, se completavam, se separavam e se uniam.

E mesmo tendo tido as mesmas experiências, mesmo vivendo ambas situações semelhantes subitamente foram buscando dois mundos diversos.

Lila e Lenu foram crescendo e com elas os sofrimentos e os prazeres da juventude. Na formação de duas meninas, tão diferentes, um mundo repleto de caminhos se abriu, mas também muitas portas que se fecharam.

Quando completaram 16 anos sentiram-se muito ligadas uma à outra. Lila enérgica e vivaz, se atirou à vida sem medir

consequências. Lenu, tímida e insegura foi tateando o mundo para testar suas capacidades, sempre tendo Lila como referência do que não via em si mesma.

Enquanto Lila se casou e viveu a promessa de prosperidade e boa vida, surgiu ao mesmo tempo o receio de perder-se a si mesma. Lenu tornou-se uma estudante insegura e insatisfeita, mas perfeccionista e curiosa. E mesmo amadurecendo uma pelo casamento, outra pelos estudos, não deixaram de ser adolescentes, testando limites, buscando caminhos...

Apesar das mudanças, o afeto entre elas permaneceu intacto.

Segundo Lenu, Lila em sua extroversão e força parecia muitas vezes se apropriar de sua coragem, fazendo-a sentir-se anulada.

Lila falava e expunha sentimentos. Para Lenu isto era cruel pois ela se sentia incapaz de reagir, e humilhada, se calava cultivando o rancor.

Lila procurou viver suas alegrias conjugais e Lenu as pequenas felicidades de uma solteira que passava a vida estudando.

Lila começou a viver um adultério, cujo parceiro era a pessoa pela qual Lenu se apaixonara.

Para Lenu tudo era vivido em segredo e ao ocultar o que ocorria sentia-se traída. Nunca conseguiu falar para Lila de seus sentimentos, mas ficava à espera de que esta percebesse o que sentia.

Lenu foi para Pisa estudar, precisava se afastar para se perceber, mas havia sempre em suas palavras e atitudes um eco. Neste novo contexto, Lenu foi se fortalecendo e se descobrindo separada de Lila.

Lenú cada vez mais foi se envolvendo com os estudos, mas se mostrando afastada de seus sentimentos, não revelava desejos e angústias, só se sentia fortalecida e sem medo quando era considerada interessante para alguém.

Os fatos do passado foram ficando tênues. Afastada de Lila sentia falta dela e se via muitas vezes pensando na amiga e sobre o que ela estaria vivendo. Ao mesmo tempo sentia receio de encontrá-la e se sentir frágil, perdendo a confiança em suas novas escolhas.

Lenú se propôs a escrever o livro “A fada azul”, estória de um conto escrito por Lila, quando eram pequenas. Ela percebeu que a amizade com Lila e o livro que começou a nascer tinham-lhe lançado raízes profundas e, no caso em que alguma coisa acontecesse, Lila e ela não poderiam se perder nunca mais.

Lenú foi rever a amiga em outra cidade e encontrou-a com muitas dificuldades. Perceberam que cada uma teve suas experiências e que era bom se reencontrarem para sentirem o som do coração de uma disparada pelo ecoar do coração da outra.

Neste reencontro notaram o quanto ainda estavam próximas e, ao se reverem, restituíram partes levadas ou deixadas de uma ou de outra...

Pela forte proximidade entre elas, Lenú sentiu-se forçada a se imaginar como não era. Somando-se à Lila sentiu-se mutilada sem que ela soubesse disso.

A distância e a voz no telefone sendo a única forma de contato durante muitos anos, fez com que se tornassem muito abstratas, de tal forma que podiam inventar-se uma para outra, cada uma de sua maneira. Precisavam agora de um corpo que as reaproximasse.

Para Lenu, o envolvimento maior então se tornara o livro. Aquele sugerido por Lila, onde juntas escreviam a própria história. Nele Lenu conseguiria se expor.

Lenu e Lila partiram para os embates da vida adulta, vivendo uma nova fase: uma sequência de angústias sem o espaço para a inocência de outrora.

Lila, a menina que encantava a todos com suas idéias modernas, forte e guerreira era agora uma mulher castigada pela vida. A partir de escolhas impulsivas, deixou o casamento para viver um grande amor e se frustrou, tendo que assumir um emprego braçal para sobreviver.

Lenu buscou uma cidade mais desenvolvida e no mundo acadêmico completou seus estudos, tornando-se autora de um livro de sucesso, casando-se com um professor universitário.

As duas amigas tornaram-se mães e passaram a se falar com mais frequência pelo telefone.

Como na infância, apesar da necessidade de compartilhar experiências, Lenu tinha a sensação de que Lila precisava sempre destruir e desvalorizar os seus momentos de conquistas, precisando se afirmar sobre a experiência de Lenu.

Apesar da distância física e por vezes trajetórias opostas, as vidas das duas amigas voltaram a se aproximar. Fatos do passado retornaram. Houve uma necessidade mútua de compreensão e ajuda, num enredo de bifurcações e acontecimentos.

Na maturidade, as duas se casaram novamente e tiveram filhas na mesma época. A relação entre elas tornou-se muito estreita. Passaram a fazer todas as coisas juntas e a compartilhar plenamente esta nova fase, ajudando-se mutuamente.

Veio o envelhecimento, com novos desafios e a amizade entre ambas, ora redentora, ora doentia, tornou-se ainda mais intensa.

Fatos novos foram surgindo e novamente uma separação se propôs entre elas. Lila incomodou-se com a forma que Lenu foi expondo as experiências e sentimentos em seus livros.

Lila desapareceu e Lenu ficou numa constante busca da amiga. Havia nela um enorme desejo de se confrontar com Lila: ouvir suas queixas, poder se explicar. Era um misto de saudades e raiva, culpa e incompreensão, um sentimento de exclusão na velhice, quando a proximidade e a solidariedade se fazem tão necessárias.

Lenu foi entendendo em fatos que surgiram, que Lila dava sinais a ela de sua presença, mas que não mais voltaria e assim ficaria o desconforto e a percepção resignada de que Lila estaria presente para sempre, somente dentro dela.

O livro “Flor da Neve e o Leque Secreto”, de Lisa See, que deu origem a um filme com o mesmo título, nos reporta ao século XIX na China, onde havia o *laotong*, um pacto de amizade eterna entre as mulheres. Eram as irmãs de coração, com quem se dividia a angústia e as amigas sentiam-se amparadas, uma ajudando a outra a superar as dificuldades, independentemente da distância física. Comunicavam-se por vezes escrevendo nos leques.

A película se passa ao mesmo tempo no século XIX e no século XXI. Amigas adolescentes estabelecem um compromisso feminino de amizade e lealdade, através do qual seus destinos estão ligados para sempre.

Tanto no livro como no filme, a cumplicidade na dor e na alegria e o cuidado recíproco, regada a compaixão, permitem

uma ligação eterna. São as coisas do coração, que nunca mudarão, apesar das mudanças externas.

O livro faz referência à palavra *laotong*, que significa “irmãs de alma”, em inglês *old sames*, um tipo de relação dentro da cultura chinesa e praticado em Hunan. Para as mulheres esse relacionamento era o vínculo de amizade mais precioso. Muitas vezes a relação *laotong* já era estabelecida antes do nascimento das meninas. Havia uma intermediária que providenciava a escolha e depois o contrato assinado pelas duas partes era selado. Os perfis astrológicos chineses poderiam ser considerados, assim como a classe e a distância. A linguagem usada nos leques para comunicação das *laotong* servia como base, sendo o Nu Shu a escrita adotada, e testemunhava muitas vezes a vida sofrida e cheia de provações. No livro, Madame Wang, a casamenteira e responsável pelo *laotong*, comenta: “Esta é uma reunião de dois corações que não pode ser rompida pela distância, por desentendimentos, por solidão, por um casamento melhor ou permitir que outras meninas e mais tarde mulheres se intrometam entre vocês”. Os leques eram os mensageiros, porquanto os encontros eram raros, incitadores de fantasias e mobilizadores de transformações.

Convém destacar também o papel dos leques. Na China e no Japão são considerados capazes de abanar e espantar os maus espíritos. Presume-se que sejam um objeto usado desde a mais remota antiguidade, há mais de 3 mil anos.

A mitologia nos conta que o primeiro leque teve origem na asa de Zéfiro e foi arrancada por Eros para abanar Psique. Conta-se também que Kan-si, a filha de um importante mandarim, ao assistir à festa das lanternas sentiu-se mal com o calor proveniente das velas acesas e, contrariando a tradição, retirou a máscara que lhe escondia o rosto e começou a se abanar ao que foi imitada por outras mulheres, originando daí o leque.

Durante muito tempo foi símbolo do poder e da elegância, sendo que no século XIX tomou força a “linguagem do leque”, que consistia num complicado sistema de gesticulações e posições que tornava possível às damas se comunicar e flertar.

Madame de Stäel certa vez comentou: “Há tantos modos de se servir de um leque que se pode distinguir, logo à primeira vista, uma princesa de uma condessa, uma marquesa de uma *routirière*. Aliás, uma dama sem leque é como um nobre sem espada”.

Levando em conta a história do início do leque na China, observamos que Kan-si estava se sentindo mal e usou um objeto que lhe trouxesse bem-estar. Podemos pensar no leque como libertação de um desconforto, que traz através do ar, entendido como espírito, conforto e equilíbrio para momentos de aflição ou alegria. Ele acompanha emoções e através dele se dá a comunicação. As *laotong* os usavam como linguagem não só gestual, mas como escrita, para relatar seus sentimentos, sua vida e seus sonhos.

O ar nos desoprime, nos liberta, nos faz respirar, carrega nossos pensamentos, nossas alegrias, nossas palavras. Sem ele não se vive. Sem uma boa amiga também não.

É importante também destacar que na China existia o costume de fazer com que os pés ficassem pequenos, o que seria um ótimo fator para se arranjar um bom casamento.

O tormento das meninas tanto no livro quanto no filme nos impressiona, pois era uma ação torturante para as meninas de até 6 anos de idade. Esse processo poderia levar a criança à morte, por infecção. Consistia em tornar os pés perfeitos: “Ele deve ser cheio e arredondado no calcanhar e formar uma ponta na frente com todo o peso sustentado pelo dedão. Isso significa que os dedos e o osso do pé devem ser quebrados e entortados

para trás para encostar no calcanhar”. “Se eu conseguir isso, minha recompensa será a felicidade”.

Bandagens eram usadas para fazer com que os dedos se encontrassem com o calcanhar, criando uma fenda, deixando de fora o dedão para que a menina andasse sobre ele. As ataduras bloqueavam a circulação do sangue e ela era obrigada a andar, o que causava uma dor imensa. Sangue e pus vazavam pelas ataduras. Na China, todas as meninas, de todas as classes sociais, passavam por esse horrível sacrifício para se tornarem mulheres, esposas e mães de valor. Observamos nessa cultura o feminino mutilado, a alma posta de lado e o *laotong* como um meio de fazê-lo tornar vivo. Os pés enfaixados eram o símbolo da reclusão e da submissão das mulheres e a deformação se tornava um símbolo sexual, constituindo um fetiche de amor. Tanto no livro como no filme, as amigas se separaram por um mal-entendido criado a fim de que uma protegesse a outra do sofrimento. Mas a amizade superou esses desencontros, havendo um final de afeto, amor e amizade.

Esse costume, que para o ocidental pode ser considerado perverso, era para os chineses uma forma de se superar a fragilidade e tornar-se uma esposa atraente e submissa, preparada para dar ao marido os filhos e a satisfação sexual.

Essa mutilação nos mostra a situação da mulher na China de não há muito tempo, bem como a importância do *laotong*, onde as mulheres tinham um espaço (através de uma escrita secreta) para confidenciar seus sentimentos de dor e alegria.

O livro retrata a estória, passada no séc. XIX, de meninas que se tornaram *laotong* e que, apesar de caminhos tão diferentes, quer pelo casamento e status social, quer por conflitos existenciais, se encontram e desencontram por toda a vida.

Tanto no livro como no filme, as amigas se separam por um mal entendido criado para que uma amiga protegesse a outra do sofrimento. Mas a amizade supera esses desencontros, havendo um final de afeto, amor e amizade.

Quando existe uma amizade saudável e realmente amorosa, que respeita as fronteiras da intimidade de cada parceira, quando a sombra da relação torna-se consciente e matéria de reflexão, pode surgir uma amizade que alimenta e conforta a alma, e o sentimento generoso e verdadeiro que nos faz sentir o privilégio de podermos ser pessoas dignas e amadas.

Uma das boas coisas da vida é a conversa entre amigas, o que faz com que examinemos nossa ideologia e valores, nossos medos e superações. Esse é um dos motivos que faz com que a vida valha a pena. O saudável relacionamento entre amigas, fronteiras das individualidades respeitadas, proporciona também o exercício da verdade, da bondade, propiciando o conhecimento da liberdade, dos limites, da justiça, do amor e da compaixão.